

A SAUDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA

Nelly Carvalho
UFPE

Introdução Histórico-filosófica

São três as realidades básicas da pessoa humana: tempo, distância e companhia, enquanto constitutivos da existência, que abrangem também os elementos estruturais da vida. Não há saudade sem tempo; porquanto os elementos lembrança e desejo, ainda que os sentidos, como um presente, têm que estar sempre referidos ao passado e ao futuro, respectivamente. Lembrar uma pessoa ou uma situação é constituí-la outra vez presente, conviver de novo com ela, atualizar algo já passado; é situar-se num agora em relação a um antes. Por outro lado, desejar retomar a posse de um bem, quer ele seja novo ou já vivido anteriormente, é situar-se numa relação de tempo. Desta vez já não é a um antes, mas sim a um depois. Trata-se de fazer o futuro presente; de possuir por antecipação. Em ambos os movimentos está subjacente o elemento tempo – o que significa, repetimos, que não há saudade atemporal.

O mesmo acontece quanto ao elemento espaço: o elemento distância. Ninguém sente saudade de um bem que possui junto de si. Tem que interpor-se um distanciamento, ainda que seja psicológico. Embora numa transposição imaginativa, a condição de deslocamento do objeto da saudade, supõe a situação de ausência, supõe essa oscilação entre **o aqui e o ali** de que falava Ortega.

A saudade é, pois um sentimento que implica relação de alteridade. Não sempre necessariamente entre duas pessoas; mas em condições tais que sempre uma delas se encontrará carente da companhia de um bem com a outra relacionado.

1- O espaço luso-galego da saudade

Se todos os países de origem céltica podem ser considerados espaço privilegiado da saudade, importa analisar, dentro desse espaço, o caso particular

de Portugal e Galiza. Pergunta-se até que ponto é válido continuar a afirmar-se ser a saudade um sentimento peculiar de luso-galegos, traço de união entre ambas as gentes, e marca interior que individualiza, não só dentro da universalidade dos povos, mas, inclusive, dentro da grande família em que estão inseridos. O problema não se põe, evidentemente, em termos de exclusividade do sentimento: em maior ou menor grau, ele é de todos, e muito particularmente das gentes de raiz céltica. Põe-se, sim, em termos de encontrar justificativas para a peculiar incidência e maior manifestação de sentimentos saudosos nesta região do extremo noroeste da Europa.

Insistem os autores em que um dos elementos determinantes da peculiar saudade luso-galega estará na sua condição de povos da **finisterra**.

Dada a sua singular configuração geográfica, é de crer que a fixação céltica se terá dado de modo mais profundo nestas regiões litorâneas. Aquele impulso criador de espaços na direção do ocidente terá ficado como que travado pelo mar. O sonho da Atlântida, que a modo de impulso milenário, empurrou estas gentes para o oceano, teria morrido frente ao infinito inexpugnável. Teria havido ao longo da costa uma fixação étnica forçada, por se terem estes povos encontrado no fim da terra, sem possibilidade de darem vãs ao impulso criador que os atraía até ali. Com a barreira do mar, ficará sepultado o seu destino de nomadismo, mas terá nascido o desejo do impossível, a sede do indefinido, do não realizado e não conhecido. Terá nascido aquele jeito nostálgico de cambiantes indefiníveis a que se chamou: saudade: a saudade vem-nos de termos permanecido durante séculos e séculos em frente ao mar do qual não conhecíamos o outro extremo, e que devia, forçosamente apresentar à imaginação o aspecto de remate do universo Não é impunemente que se é ou da planura ou duma geografia de extremo.

Tal condição não tem conteúdo apenas topográfico de posição terrestre saliente, de extremo. Revestem-se também as finisterras de sentido humano e étnico por serem as metas onde vão quebrar as migrações dos povos, sítios em que se entranham os arcaicos resíduos das raças autóctones empurradas, e de novos bárbaros protegidos pelo desarrumo do litoral e das linhas orográficas terminais. Este inconformismo perante a impossibilidade da ultrapassagem física pode derivar ou em tristeza e passividade ou em estímulo criador. No caso concreto luso-galego gerou a secular abertura para as emigrações e navegações marítimas. A consciência da finisterra abriu-lhes a porta para a nostalgia, a qual pelo seu caráter de ânsia espacial, transcendeu a melancolia passiva.

Foi ela que forneceu a coragem para superar todas as missões históricas de desenraizamento. A consciência coletiva de acorretamento geográfico agrava essa peculiar forma de tristeza a que podemos chamar: a saudade dos longes.

2-Palavras e sentimento

Cada povo tem as suas palavras com que expressa os próprios sentimentos. Mas estes sentimentos adquirem, até certo ponto, conotações diferentes, consoantes as palavras que a eles se referem. Trata-se, afinal, de uma natural decorrência do conhecer humano. A atividade do pensar está indissociada dos conceitos; e estes, das palavras que os suportam. Um é a forma do outro; alterando-se o elemento formal, altera-se o conteúdo de que é forma.

Daqui decorre um problema clássico: o da real intraduzibilidade das palavras. Do mesmo modo que não existem traduções perfeitamente equivalentes dum idioma para o outro. Não basta conhecerem-se mecanicamente os vocábulos em nível de dicionário. Para que se traslade toda a ressonância de uma língua, tem que haver aquela permeação interior, que não é resultado de aprendizagem, mas de vida.

É um problema amplo que se põe e que abarca questões de sociolingüística. Se uma língua não é um frio sistema de rotulações com correspondência nas outras – o que se poderia esperar de uma simples nomenclatura –, é fácil prever a sua total falência quando se pretende decifrar ou traduzir o mundo ideal ou sentimental de um povo. Pode, quando muito, ver-se mitigado o seu desvirtuamento nos campos da práxis comercial ou da mera informação objetiva; nunca, porém, em se tratando de significar vivências interiores e estados psíquicos originais”.

3-Palavra e tradução: Portugal e Galícia

Saudade não é Soledad não é homesickness, não é morriña nem regret; Saudade é diferente de nostalgia, de Sehnsucht, de Heimweh, de desiderium, de spleen, de mal du pays. A dor romena, a hiraeth dos celtas do País de Gales, a asturiana señardad, ou a enyorança catalã, exprimem estados psíquicos de clara conotação saudosa, mas não são a saudade.

Saudade inclui um pouco de tudo o que os referidos vocábulos sentimentais significam, e algo mais. É uma palavra-síntese, uma condensação de estados de alma. Nela estão implícitos os sentimentos de solidão física e espiritual, o desejo do amor ausente, a ânsia do impossível, o sentimento de ausência da terra, um certo instinto de morte, a melancolia da paisagem e o desejo de Deus. Ela é, ao mesmo tempo, misto antinômico de alegria e dor, força de ensimesmamento e de criatividade, sentimento que atinge o homem na concretude histórica e na radicalidade do ser..

Poderíamos ainda ajuntar um terceiro elemento que, a modo de condicionamento extrínseco, pode concorrer para a exacerbação saudosa: a emigração

Se saudade é insatisfação consciente, o homem busca na terra a possibilidade de reencontrar a plenitude. Busca fundir-se no todo material, ao encontro da radicalidade positiva. Não contempla a paisagem; sente-a panteisticamente como um todo impreciso e conciliador. Fundir-se nessa harmonia física, mais do que experiência estética é, possibilitar o reencontro com o bem perdido e desejado. Daí o sentimento peculiaríssimo da “morriña” – pequena morte –, porventura o sentimento mais genuinamente saudoso entre os galegos.

Pela “morriña” realiza-se uma espécie de “ritual místico”: a alma aspira a morrer na terra e fundir-se nela, para garantir a posse da mesma, no tempo. Tal forma de apego telúrico e inconsciente leva o galego a sentir saudades da sua terra mesmo quando nela vive. É que, em última análise, criou-se entre ambos uma relação que transcende o campo psicológico. Entra-se no metafísico. A terra é a contemplação do homem, a sua ultrapassagem. E porque é impossível a fusão absoluta, agrava-se a experiência da finitude: nasce a saudade.

Quanto à saudade portuguesa, ela decorre sobretudo, de uma vivência espacial diferente: o espaço dinâmico, aberto, criador. Foi sem dúvida, a dimensão autêntica que reforçou esta peculiar forma de sentir. Aquele instinto atávico de nomadismo celta – que no galego se consubstanciou, por transferência, num certo instinto de morte, ou “morriña” –, teve, no português, a sua forma de libertação sobretudo nas grandes viagens marítimas. Foi no mar que Portugal descarregou essa tensão.

Situado entre a última terra mediterrânea e primeira atlântica, Portugal projetou na oceanidade o apelo da terra e da planura a que não teve acesso: compensou com o mar a sua escassez de continente. E este curso histórico, além de individuar Portugal no quadro do mundo moderno, influiu na psique portuguesa num sentido ativista, apurando-lhe as aptidões de adaptação e enriquecendo-as com experiência, exotismo, calor e claridade.

Só é possível, pois, a geração da saudade pelo amor e ausência, quando estes “pais da saudade” forem integrados num espaço criador. É este espaço que, finalmente há a ultrapassagem da mera saudade–solidão em saudade–ausência e desta, finalmente, em saudade–companhia Saudade – companhia que, sendo o último termo deste sentimento fundamental, engloba, em síntese superior, ambas as primeiras. Engloba-as enriquecidas pela dimensão de serviço, epopéia e destino sagrado. Nele o cósmico e o divino estão presentes: o

ente saudoso está sempre acompanhado. A relação do amor ausente transcendentaliza-se e, como tal, encontra um tempo e um espaço novos: “saudade portuguesa é portanto – um sentimento que só se compreende tridimensionalmente, que envolve relações essenciais com o cósmico e o divino.

A saudade – é pois, o sentimento da soledade ontológica do homem. Este estado sentimental só se reflete ou transparece na poesia lírica, que é, por conseguinte, a voz da intimidade humana, a mais direta manifestação do seu ser, a revelação do homem. Saudade e lirismo são, pois, duas etapas de uma mesma coisa: a vivência e a expressão da intimidade do ser humano, da sua soledade ontológica” E mais adiante, ao analisar o pendor de transcendência que nos ajuda a ultrapassar a “soledade” original – “escura soledade que quase não é mais do que um puro latejar de vida individualizada” – o grande pensador galego reafirma a sua tese: “o eco espiritual desta soledade é, já o vimos, o sentimento a que chamamos saudade; e a manifestação deste sentimento é a lírica. A lírica é, pois, a exteriorização – a transcendência – da sociedade ontológica do homem, uma transcendência a que poderíamos chamar de confidencial, posto que é a comunicação da intimidade radical do homem, quase que um falar consigo mesmo”.

Lírica que, sem se situar predominantemente na esfera do sentimento assumido pela mente, mas, antes, na esfera da emocionalização do pensamento, não deixa de ser legitimamente lusíada e, enquanto tal, saudosa. Lirismo e saudade, repetimos, vão juntos como os dois termos da relação significativa – significado.

A terceira maneira de relacionamento com a natureza – e o mais intrinsecamente lusíada – é ao modo celta; ou seja, personificando essa mesma natureza. Não há nem pretensa anulação do eu no complexo cósmico, nem a sobreceria transcendente de quem joga esteticamente com o objeto. Há antes, uma atitude de confiança, de confronto do eu e do tu, de dualismo harmonioso elevado ao nível pessoal.

É a saudade do amor leal, que nasce da ausência do amado enquanto a ele ligado afetivamente. Só quem ama, e é fiel ao amor, é que sente a solidão e tristeza da ausência do outro, com o desejo de reencontrá-lo.

“Mas na minha alma triste e saudosa / a saudade escreve, e eu traslado”. Neste desabafo camoniano, desde o seu desterro de Ceuta está implícito o problema de que nos ocupamos: a relação entre saudade e lirismo.

4- A palavra *Saudade* na poesia

Diz Cecília Meireles sobre a força das palavras:

Ai palavras, ai palavras
 Que estranha potência a vossa,
 Todo o sentido da vida
 principia à vossa porta....
 Sois de vento, ides no vento
 No vento que não retorna
 E, em tão rápida existência,
 Tudo forma e se transforma!

Saudade como palavra tem conteúdo semântico de tristeza e vontade de rever, resumido em uma única palavra que pode ser assim definida: saudade não é lembrança, nem mesmo recordação, saudade é a dor da ausência, maltratando o coração.

Em torno do ano de 1200, quando ainda nem existia Portugal como país, nem a língua portuguesa como tal -era o galego-português- já se cantava nessas terras do norte da Península Ibérica, o cuidado, o desejo e o lento morrer de amor, uma saudade sem vocábulo.

Goethe dizia que *onde há maior lacuna do conceito, palavras surgirão na hora oportuna.*

Camões cantava, no exílio em Ceuta:

Mas na minha alma triste e saudosa
 A saudade escreve e eu traslado

De etimologia incerta, as formas arcaicas primeiras foram *suidade*, *soedade* e *soidade*, na fase do inicial do português. Teria vindo assim de *soledade*, solidão.

Também foi levantada a hipótese de vir de *salutate*, ou *salutem datis* uma saudação bastante usada nas despedidas das cartas romanas. Até a influência de *sauíde* já foi aventada.

A dificuldade de explicar a mudança fonética fez João Ribeiro opinar que *saudade* tem origem no árabe *saudá*, profunda tristeza. A outra hipótese (meio fantasiosa) é ter derivado de *Ceudda*, forma bérbere de dizer *Ceuta*, fortaleza distante onde os soldados passavam longo tempo ausentes da terra natal.

O que fica, na verdade, é que com esta palavra, marca-se um estado de espírito que outras línguas não exprimem com precisão, sentimento muito próprio dos que usam o português como língua materna.

Assim, agrava-se a consciência de finitude da vida e nasce a saudade.

Amor e ausência são os pais da saudade, diz um poeta antigo.

Temos saudades até de nós mesmos, das faces que perdemos nos vários espelhos que refletiram nossa imagem. Novamente, em cena, Cecília Meireles:

Eu não tinha esse rosto assim magro, assim calmo, assim triste, nem o lábio amargo! Eu não tinha estas mãos tão sem força , tão paradas e frias e tristes, eu não tinha esse coração que não se mostra/,Eu não dei por esta mudança tão simples, tão certa , tão fácil / Em que espelho ficou perdida a minha face?

Às vezes, temos saudade e não sabemos nem de quê , como dizem os versos:

Eu hoje estou com saudade não sei ao certo de quê . de um dia de claridade, de um carinho de verdade , de ouvir a voz de você/ Eu sinto uma falta louca de um sonho bom que morreu, da alegria que foi pouca.do sorriso de uma boca, cujos beijos não são meus E a nostalgia me invade... de um olhar que não se vê... pois não há maior saudade que essa estranha ansiedade não sei ao certo de quê.

Fernando Pessoa tomou-a como mote constante, sentimento emblemático de seu povo: “*Saudades, só portugueses/ Conseguem senti-las bem/ Porque têm essa palavra/Para dizer que as têm*”. Porém, não são apenas os portugueses e sim todos aqueles que usam a língua portuguesa, que com o termo exprimem o sofrido sentimento.

E ainda existem a misteriosa saudade do presente , do tempo que se vive, que se adivinha passageiro, que se pressente findar: *Tenho sonhos cruéis, n'alma doente, Sinto um vago receio prematuro, Vou a medo n'aresta do futuro, embebido em saudades do presente (Camilo Pessanha)*

A vida vai tecendo laços e tudo que tece são pedaços do vir-a-ser que se transforma em ser. Assim, a saudade aportou no Brasil com a colonização e, sendo o Recife um dos primeiros, senão o primeiro porto a ser tocado na rota, ela aqui aportou e fez sua morada em nosso Pernambuco.

Mas vem da voz longínqua de um fluminense, Casimiro de Abreu, o primeiro canto brasileiro , que quando crianças, levou-nos todos a tomar consciência da dorida saudade da infância:

Ai que saudades que tenho da aurora da minha vida! Da minha infância querida que os anos não trazem mais!

Entre os poetas pernambucanos, o tema da saudade é dominante, ora representado pela *cotovia* em Bandeira, que retoma as saudades de Casimiro, saudade da terra natal e da perdida alegria da infância:

Alo cotovia onde voaste, por onde andaste, que tantas saudades me deixaste?
 Andei onde deu o vento, onde foi meu pensamento, em sítios que nunca viste, de um país que não existe
 Voltei te trouxe alegria...
 E esqueceste Pernambuco, distraída? Voei ao Recife, no cais pousei da rua da Aurora. Aurora da minha vida que os anos não trazem mais
Os anos não, nem os diasVoei ao Recife e dos longes das distâncias, do mais remoto dos teus dias de criança te trouxe a perdida esperança, trouxe a extinta alegria.

Ora é representada pela *noite de São João*, junto com os entes queridos que estão *dormindo profundamente*

Quando ontem adormeci
 Na noite de São João
 Havia alegria e rumor
 Estrondo de bombas
 Luzes de Bengala
 Vozes
 Cantigas e risos
 Ao pé das fogueiras acesas

.....
 Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
 Minha avó
 Meu avô
 Totônio Rodrigues
 Tomásia
 Rosa
 Onde estão todos eles?
 Estão todos dormindo
 Estão todos deitados
 Dormindo
 Profundamente

Olegário Mariano, ligando a *saudade* ao *amor* na encruzilhada do *destino*, diz que *ela veio ao mundo para ser boa e dar o seu sangue a quem a queira*.

Outros dizem ser *parte de nós que alguém leva, parte de alguém que nos fica*.

E as saudades da casa em que moramos e que vemos ser derrubada em nome do progresso? E dos bairros que se uniformizam e que se transformam em lápides mortuárias das vivendas que ali existiam, cemitério de sonhos e jardins, dos espaços das brincadeiras infantis?

Só um poeta é capaz de nos consolar, neste canteiro de demolições de casas e memórias:

Vão derrubar esta casa. Mas meu quarto vai ficar, não como forma imperfeita
Neste mundo de aparências: Vai ficar na eternidade, com seus livros com seus quadros, Intacto, suspenso no ar!

Os poetas populares, também, a seu modo, transportam a saudade para seus versos.

Luis Gonzaga avisava que a saudade é boa *quando a gente lembra só por lembrar, porém se vive a sonhar com alguém que se deseja rever, saudade aí é ruim*, e eu digo isso por mim . É também ,paradoxalmente, um dos temas recorrentes no Carnaval, nas letras do frevo canção e de bloco, *-a dor de uma saudade vive sempre no meu coração Versos lembram que é tão grande a saudade que até parece verdade que o tempo ainda pode voltar*. Grande ilusão!

5- Conclusão

Para comemorar todas as saudades que sentimos, sentiremos e carregamos conosco, pela vida afora seja já longa ou breve ainda, um cancionero inteiro não basta. As saudades que carregamos transbordam do coração.

Como diz o paraibano Ernani Sátiro:

Ó que saudades que tenho
Da minha rua da Aurora
Do rio naquela rua
Da aurora naquele rio
Daquele rio na aurora

Que as águas não trazem mais
Oh que saudades que tenho
De meus sonhos bem branquinhos
Lavando as águas barrentas.
Das águas levando os sonhos
Que as águas não trazem mais
Saudades são mil saudades
Do rio que corre agora
Pra outros que não o vêem
Ó que saudades, já quantas
Dos meus sonhos bem sonhados
Bem pouco realizados
Ó que saudades que tenho
Da rua da minha aurora!

Bibliografia

- ANTUNES, Alfredo. *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa*. Braga Ed. da Faculdade de Filosofia, 1983.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro, Ed. José Olímpio, 1974.
- COUTINHO, Edilberto. (org.) *Presença Poética do Recife*. Rio de Janeiro, Ed. José Olímpio. Recife: FUNDARPE, 1983.
- FERREIRA, David Mourão-Ferreira. *Portugal, a Terra e o Homem*. Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- OLIVEIRA, Clenir Bellezi. *Arte Literária/Portugal-Brasil*. São Paulo, Moderna, 1999.